

AS AVENTURAS DE TELÊMACO: HISTÓRIA CRÍTICA E RELEITURAS

Tarsilla Couto de Brito¹

RESUMO

Um dos problemas permanentes para a interpretação de *As aventuras de Telêmaco* é sua classificação: espelho de príncipes, conto filosófico, romance, idílio ou epopeia são alguns dos gêneros atribuíveis ao texto de Fénelon. O presente artigo pretende retomar a questão, apresentando a história de crítica e de edição do *Telêmaco* e dando continuidade a uma vertente de leitura que surgiu no final do século passado, aquela fundamentada no pensamento utópico.

PALAVRAS-CHAVE: Fénelon; As aventuras de Telêmaco; utopia

ABSTRACT

One of the permanent problems concerning the interpretation of *The adventures of Telemachus, son of Ulysses* is its classification: mirror for princes, philosophical short story, novel or epic are some of the genres used to discuss Fénelon's text. This article intends to investigate this problem, presenting the history of the criticism and the editing of *The adventures of Telemachus* and giving continuity to an aspect of its reading based on utopian thinking, which emerged at the end of the last century.

KEYWORDS: Fénelon; Telemachus, son of Ulysses; utopia

Apresentação do texto: uma paráfrase crítica

A narrativa romanesca, *As aventuras de Telêmaco*, foi escrita pelo bispo François Salignac de la Mothe Fénelon (1651-1715), no final do século XVII, com a finalidade de educar o Duque de Borgonha, neto de Luís XIV, segundo nome na linha de sucessão. A ideia básica do texto literário de Fénelon vem do quarto livro da *Odisséia* de Homero: cansado de esperar a volta do pai e preocupado com os perigos que ameaçam sua ilha, Telêmaco decide sair ao encontro de Ulisses.

Divididas em dezoito livros², as aventuras dessa viagem desenvolvem-se no mundo homérico concebido por Fénelon, em que os deuses relacionavam-se diretamente com os homens. E assim encontramos o filho de Ulisses, nas linhas introdutórias da obra, protegido por Minerva (sob a máscara de Mentor), relatando para a deusa Calypso as experiências que tinha vivido desde sua partida de Ítaca. A narração começa, pois, *in media res*. Resumidamente, podemos dizer que essas histórias ocupam os seis primeiros livros do texto e dizem respeito à passagem de Telêmaco por Pilo e Lacedemônia; a um naufrágio na costa da Sicília (livro I); a sua estadia no Egito do grandioso Sesóstris, que compreende também o aprendizado de paciência no exílio (livro II); a contrapartida do exemplo egípcio, o jovem

¹ Bolsista CNPQ do programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do IEL-Unicamp (nível doutorado). E-mail: tarsillacouto@hotmail.com.

² O texto foi originalmente escrito em dezoito livros por Fénelon. Logo depois de sua morte, um sobrinho reorganizou a obra em vinte e quatro livros para que se aproximasse da estrutura homérica. A mais recente edição brasileira, editada pela Madras em 2006, está dividida em vinte e quatro livros; no entanto, para o presente projeto, recorreremos ao texto em francês, estabelecido por J.L. Goré, editado pela Garnier (1994), que se mantém fiel à organização original.

viajante conhece no antimodelo de rei que governa Tiro, cidade de comércio altamente desenvolvido, mas em decadência graças às tiranias de Pigmalião (livro III). Em seguida, Telêmaco passa por uma experiência de lassidão em Chipre, ilha de campos férteis, mas incultos (livro IV); por fim, conhece Creta, cidade abençoada pelas leis de Minos, onde participa de jogos promovidos para a escolha de um novo rei posto que seu soberano, Idômene, havia criminosamente abandonado o lugar (livro V). Enquanto narra os caprichos que a Fortuna lhe destinara até então, Telêmaco tece reflexões demonstrando ter iniciado um processo de formação das virtudes necessárias a um bom governante. Ele reconhece seus erros, mesmo aqueles que não pôde corrigir, admite as fraquezas que permanecem e destaca frequentemente a importância de Mentor em sua educação. Com tanta graça e virtude, o príncipe acaba atraindo para si a paixão e o ciúme de Calypso, e esta se torna a aventura central do sexto livro. Diante do grande perigo que se configura no amor doentio da deusa, Mentor intervém energicamente, empurrando Telêmaco para o mar, onde está atracado um navio.

O sétimo livro parece-nos um capítulo de transição. As aventuras são suspensas. Nossos heróis estão dentro de um navio tirreno, a salvo das seduções da ilha de Calypso. Por sorte, este navio é comandado por Adoan, irmão de Narbal, que protegeu Telêmaco de Pigmalião em Tiro. Adoan dispõe-se a levá-los de volta para casa. E a viagem segue tranquila, cheia de narrativas, música e poesia. Entrementes, o futuro rei de Ítaca tem notícia, pela boca de Adoan, do fim cruel de Pigmalião e de seu reino em Tiro, bem como toma conhecimento da utópica Bética, sociedade perfeita, que possui, reunidas em si, todas as características admiráveis dos lugares visitados. Segundo a descrição de Adoan, Bética é o paraíso perdido, onde

Tous les biens sont communs: les fruits des arbres, les légumes de la terre, le lait des troupeaux sont des richesses si abondantes, que des peuples si sobres e si modérés n'ont pas besoin de les partager. Chaque famille, errante dans ce beau pays, transporte ses tentes d'un lieu en un autre, quand elle a consumé les fruits et épuisé les pâturages de l'endroit où elle s'étoit mise. Ainsi, ils n'ont point d'intérêts à soutenir les uns contre les autres, et ils s'aiment tous d'une amour fraternelle que rien ne trouble. C'est le retranchement des vaines richesses et des plaisirs trompeurs qui leur conserve cette paix, cette union et cette liberté. Ils sont tous libres et tous égaux (FÉNELON, 1994, p. 266).

Enquanto isso, os deuses desviam o navio tirreno de Ítaca, fazendo com que Telêmaco e Mentor cheguem ao território de seus últimos desafios: Salento. A segunda parte do texto é narrada em terceira pessoa e desenvolve-se na costa na antiga Hespéria, onde Idômene encontrou lugar ao fugir de Creta depois de ter matado o próprio filho. Os últimos onze livros destinam-se, basicamente, a duas lições que Telêmaco ainda deve aprender: como reinar com justiça e moral e como guerrear, caso seja necessário, com coragem e prudência.

Temos no livro VIII a chegada de protetor e protegido a Salento, cidade em processo de construção; a hospitalidade com que são recebidos traz consigo informações que depõem contra a aparente grandeza da cidade, pois Idômene envolveu-se numa guerra injusta, conflito que será resolvido com sabedoria por Mentor (livro IX). Fato consumado, o tutor de Telêmaco resolve “civilizar” Salento, tomando medidas administrativas que promovem uma transformação global – atingindo todas as instâncias da vida social, pública e privada, como

comércio, saúde, educação, moradia, agricultura, vestuário, lazer etc. – e radical – já que essas medidas destinam-se a transformar totalmente Salento, transformá-la em uma cidade perfeita (livro X). Ao mesmo tempo em que constrói sua utopia, Mentor conversa longamente com Idômene, que lhe confessa suas fragilidades, os vícios que levaram à perda de seu reino em Creta e aceita com gratidão os conselhos de seu reformador (livro XI). Apesar de ter evitado uma guerra injusta, uma outra, nesse entretempo, apresentou-se ao rei e ao conselheiro, reconhecendo então a necessidade deste conflito, envia Telêmaco como chefe de um grupo de salentinos a fim de lhe propiciar o conhecimento da guerra (livros XII e XIII). Depois de vários sucessos, surpresas e reviravoltas, o aprendiz sonha com seu pai e, angustiado, quer ter certeza sobre sua vida ou sua morte. Para tanto, resolve descer ao Hades. Atravessa o Tártaro, lugar em que vê os tormentos dos maus reis, e conhece os Campos Elísios, onde se encontram felizes os reis que bem souberam manter seus povos em vida (livro XIV). Constatando que seu pai ainda vive, volta para vencer a última batalha e conhecer a glória dos heróis (livro XV). O décimo sexto livro destina-se a ensinar a generosidade ao vencedor de uma guerra, pois o verdadeiro herói não apenas tem coragem na luta, mas sabedoria, honra e humildade para lidar com os derrotados. Em seguida, Telêmaco retorna a Salento reformada, que assim é explicada por Mentor:

Tout son pays n'est plus qu'une seule ville: Salente n'en est que le centre. Nous avons transporté de la ville dans la campagne les hommes qui étoient superflus dans la ville. De plus nous avons attiré dans ce pays beaucoup de peuples étrangers. Plus ces peuples se multiplient, plus ils multiplient les fruits de la terre par leur travail: cette multiplication si douce et si paisible augmente plus un royaume qu'une conquête. On n'a rejeté de cette ville que les arts superflus, qui détournent les pauvres de la culture de la terre pour les vrais besoins, et qui corrompent les riches en les jetant dans le faste et dans la mollesse: mais nous n'avons fait aucun tort aux beaux-arts, ni aux hommes qui ont un vrai génie pour les cultiver. Ainsi Idoménée est beaucoup plus puissant qu'il n'étoit quand vous admiriez sa magnificence. Cet éclat éblouissant cachoit une foiblesse et une misère qui eussent bientôt renversé son empire: maintenant il a un plus grand nombre d'hommes et il les nourrit plus facilement. Ces hommes accoutumés au travail, à la peine et au mépris de la vie par l'amour des bonnes lois, sont tous prêts à combattre pour défendre ces terres cultivées de leurs propres mains. Bientôt cet État, que vous croyez déchu, sera la merveille de l'Hespérie (FENELON, 1994, p. 522).

Ao mostrar as transformações que havia promovido, Mentor aproveita para discorrer sobre a teoria que deveria sustentar aquela prática instaurada a fim de tornar a vida social justa e feliz. Com isso, encerra-se o ciclo de aventuras pedagógicas, não sem que Telêmaco conheça também o verdadeiro amor (diferente do *pathos* vivido na ilha de Calypso) na filha de Idômene, jovem virtuosa, a quem o filho de Ulisses promete casamento logo que rever Ítaca e seus pais (livro XVII). O último livro não permite ao leitor acompanhar o personagem nesse reencontro. Por uma última vez, seu navio deve atracar em uma praia para esperar a passagem de um temporal, onde Telêmaco permanece, juntamente com os tripulantes de outras embarcações, entre os quais está seu pai – porém não o reconhece. Ali, Telêmaco conhece a verdadeira identidade de seu protetor, pois Minerva abandona o

disfarce de Mentor, abençoa aquele que está destinado a reinar e lhe pede: “Lorsque vous régnerez, mettez toute votre gloire à renouveler l’âge d’or” (FÉNELON, 1994, p. 570).

Três séculos de leitura: panorama da fortuna crítica e história editorial

Em 1689, Fénelon foi nomeado preceptor do Duque de Borgonha, neto de Luís XIV, segundo pretendente ao trono do Rei Sol. Para cumprir sua missão, escreveu fábulas, contos e outros textos literários dentre os quais se destacou nosso objeto de estudo, produzido ao longo do ano de 1694. O texto permaneceu manuscrito e guardado à chave pelo Duque de Borgonha até 1698, quando algumas cópias manuscritas começaram a circular (ADAM, s.d., p. 545-548). O primeiro tomo impresso apareceu em 1699, ano em que o livro recebeu o *privilège* de publicação graças ao título que o fazia passar como simples continuação da *Odisséia* de Homero. Na mesma época, outro texto seu, de natureza teológica, *As máximas dos santos*, havia sido censurado por seu teor supostamente herético. Era inevitável que o *Telêmaco*, por sua vez, tivesse para o público leitor uma significação que seu autor não podia evitar, qual seja, a de crítica à direção do Estado de Luís XIV³. Fénelon interviu para suspender a edição deste livro, mas em apenas um dia foram vendidos mais de seiscentos exemplares. O autor não pôde também impedir que os três tomos seguintes fossem impressos por livreiros clandestinos. Para se defender, chegou a afirmar que seu texto havia sido desfigurado por um copista mal-intencionado, mas estudos posteriores não encontraram diferenças substanciais entre originais e cópias. Nenhuma interdição pública foi oficialmente pronunciada, mas há registros de que a polícia da França recebeu ordens de colocar *Telêmaco* entre os livros proibidos e perseguir todas as edições clandestinas produzidas.

Em um estudo referencial sobre o texto de Fénelon, Albert Cherel (1933) afirma que o *Telêmaco* foi o livro mais impresso, comentado, imitado e traduzido na Europa e fora dela⁴ durante o século XVIII. Sua fortuna crítica neste período voltou-se para três questões entendidas então como fundamentais: identificação dos elementos reais naquilo que seria uma sátira ao governo (GORÉ, 1968, p.28); estudo de um projeto pedagógico *sui generis* que unia lições de moral aos tradicionais ensinamentos políticos *ad usum delphini* (BURY, 2004, p. 534); resolução da querela entre Antigos e Modernos que discutiam, entre outras coisas, seu gênero literário (ADAM, s.d., p. 552). A respeito dessas questões, são notáveis os comentários formulados por alguns dos grandes nomes da época: D’Alembert elogia o *Telêmaco* como o livro dos verdadeiros princípios da felicidade do Estado (apud KAPP, 1982, p. 202); a Boileau, Fénelon parecia muito melhor poeta do que teólogo (1969); e Voltaire, ao insistir que o *Telêmaco* não era um poema épico sem versos, mas um *roman*, destacava a admirável individualidade do estilo feneloniano (apud BURY, 2004, p. 541). Afora o comentário de D’Alembert, que aponta para uma leitura utópica de *Telêmaco* (KAPP, 1982), os outros dois pensadores tratam daquilo que no final do Século das Luzes foi reconhecido

³ Os leitores da época viam em Pigmalião a figura do Rei Sol; em Astarbé, sua amante, a imagem de M. de Maintenon, entre outros.

⁴ O principal estudo a respeito da presença e circulação do *Telêmaco* no Brasil foi realizado pela Prof^a. Dr^a. Márcia Abreu (Unicamp). Suas pesquisas confirmam o sucesso editorial do livro de Fénelon: “[...] o livro mais remetido para o Rio de Janeiro, entre 1769 e 1826, considerando-se todos os pedidos submetidos aos vários organismos responsáveis pela censura à circulação de livros era um romance: *Aventuras de Telêmaco*” (ABREU, M. et al. “Caminhos do romance no Brasil” in: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>). Cf. também *Os caminhos dos livros* (ABREU, 2003).

como a grande contribuição de Fénelon para a literatura francesa: a inauguração de sua prosa moderna.

O sucesso editorial de *Telêmaco* perdura até a primeira metade do século XIX, quando passa a fazer parte dos programas escolares como texto insubstituível. Segundo Gesse (2004), o livro teve 237 edições francesas em quarenta anos. A permanência de Fénelon confirma-se também, nesse momento, com o lançamento de sua primeira obra completa (1820) e com a defesa da primeira tese acadêmica sobre seus escritos (1850).

Além disso, Gesse afirma que a leitura de *Telêmaco* alimentou toda a geração romântica de 1820. Chateaubriand, por exemplo, usa-o como modelo de prosa poética para defender sua própria produção; Lamartine tinha as aventuras do filho de Ulisses como o evangelho da imaginação moderna; Fénelon, juntamente com Montesquieu, eram os únicos autores de belas letras para Stendhal (GESSE, 2004, p. 553-555). E .

A partir de 1850, a leitura de *Telêmaco* começa a diminuir, pois a geração de Flaubert e Baudelaire já não inclui o arcebispo de Cambrai em sua tradição literária. De fato, o livro perde sua posição, sendo utilizado quase exclusivamente em sala de aula. Com isso, *Telêmaco* populariza-se, torna-se um texto *ad usum populi*⁵. O principal responsável por este fenômeno foi Jacotot (1770-1840), cujo método de “ensino universal” tinha no livro de Fénelon sua pedra de toque. Na segunda metade do século XIX, a maior parte das edições de *Telêmaco* fazia parte do projeto pedagógico de Jacotot e seus seguidores.

A despeito da queda de sua popularidade, é no século XX que *Telêmaco* terá seu primeiro grande estudo crítico, realizado por Albert Cahen e publicado como prefácio em 1920. Nesse texto, Cahen propõe quatro questões: a primeira interroga o gênero do livro de Fénelon; a segunda procura averiguar precisamente sua data de composição; em seguida, discute o velho problema dos caracteres do governo do Rei Sol e, por fim, avalia a moral feneloniana. Além disso, o famoso prefácio é o primeiro texto a analisar imparcialmente (sem intenção de resolver “querelas”) as qualidades e os defeitos literários de *Telêmaco*. Conforme Dotoli (1987), o início do século XX assistiu a uma concentração do meio acadêmico sobre a obra de Fénelon (especialmente filosofia, teologia e política), o que trouxe à luz documentos preciosos para seu estudo. Naqueles anos notabilizaram-se também os trabalhos de Ely Carcassone (*État present des travaux sur Fénelon*, 1939) e de Albert Chérel (*Fénelon aux XVIIIe siècle*, 1917). Na segunda metade do século XX, o *Telêmaco* ganha mais dois grandes prefaciadores: Jacques Le Brun, organizador da obra completa de Fénelon publicada pela Pléiade, e Jeanne-Lydie Goré, prefaciadora das edições da Garnier – ambos leem nosso objeto de estudo numa vertente até então pouco explorada, avaliando a coerência do texto ficcional com a obra espiritual do preceptor do Duque de Borgonha.

Aos leitores de Fénelon, nas últimas décadas do século XX, juntaram-se aqueles que se têm dedicado ao pensamento utópico. Já demonstramos aqui que este tipo de leitura do *Telêmaco* existe desde sua primeira fortuna crítica. No entanto, foi no final do século passado que os estudos sobre utopia conheceram um extraordinário crescimento, e *As aventuras de Telêmaco* se tornaram uma das obras frequentemente citadas dentro deste universo.

Raymond Trousson analisa o texto de Fénelon em um capítulo de seu *Voyage aux pays de nulle part* (1999). Nesse livro, o especialista em utopia fixa algumas características fundadoras do gênero, faz referência aos textos que poderiam ser considerados como suas origens, analisa a obra fundadora de Thomas More e, em seguida, passa em revista aquelas

⁵ Expressão criada por Victor Hugo em seu *William Shakespeare*, 1869.

que tradicionalmente receberam a classificação de utopia. No capítulo em que discute os textos produzidos “Entre renaissance et lumières”, Fénelon tem papel destacado. A ideia central de sua crítica é que o *Telêmaco* não constitui, em seu todo, uma utopia, mas destaca Salento como uma verdadeira descendente da tradição de More, pois toda a cidade é reformada de modo a alcançar a perfeição, constituindo um mundo isolado (insularismo), autárquico (independência econômica), possuindo uniformidade social e um deísmo elementar (religião não institucionalizada).

Por meio dessa transformação, o estudioso francês avalia o pensamento utópico de Fénelon: trata-se de uma economia fisiocrata⁶, uma vez que as fontes mais certas e mais estáveis de sobrevivência estão no campo; e de uma política despótica, ainda que esclarecida, posto que o Estado apresenta-se centralizado e paternalista (TROUSSON, p. 1999, p. 80-81). Para Trousson, *As aventuras de Telêmaco* renovaram o gênero utópico:

Salente échappe à la monotonie de l’utopie-programme par ses qualités littéraires et romanesques. On a dit que Fénelon renouvelait le genre. En effet, les autres pays imaginaires, lorsqu’ils reçoivent la visite du naufragé ou du voyageur, ont depuis longtemps expulsé toute les erreurs et baignent dans la perfection; Salente, au contraire, suggère des réformes, des modifications; l’idée de progrès y est donc présente (TROUSSON, 1999, p. 81-82).

A esse respeito, Jean Michel Racault, pesquisador do Centre de Recherche sur la Littérature des Voyages da Sorbonne, diz que Salento é uma utopia dinâmica, pois constitui o lugar da ação principal da temática política de *Telêmaco*. A utopia criada por Mentor está relacionada com outros elementos da intriga como a morte do filho de Idômene, o que faz dela um texto mais narrativo do que descritivo. Além disso, Mentor e o rei de Salento não são meras testemunhas, mas personagens de ação. Todas essas características literárias levam o crítico a afirmar que Salento seria, portanto, uma utopia na história (2003, p. 47). Esquematizando a trajetória dessa cidade imaginária, o crítico afirma que ela vai de uma civilização puramente urbana, fundada sobre um esplendor arquitetônico, passa por reformas que tentam conciliar agricultura e comércio, para enfim se estruturar como um estado de estrita autarquia agrária. Além disso, Racault defende que todas as cidades visitadas por *Telêmaco* ou conhecidas pelo personagem por meio de relatos têm uma função utópica, aquela de estabelecer critérios para a avaliação das intervenções realizadas por Mentor na cidade de Idômene: “C’est donc une relation à trois termes (modèles\anti-modèles\réalité contemporaine) qui se substitue ici au rapport binaire du réel et de l’utopie” (RACAULT, 2003, p. 41).

⁶ Outros críticos classificaram Salento como uma utopia fisiocrata. Digno de nota é o fato de que tal classificação possa ser associada ao mito da Idade do Ouro: ao propor uma sociedade fundamentada na vida natural, partindo do pressuposto de que a agricultura é a única fonte de riqueza possível, fisiocrata portanto, Mentor oferece a *Telêmaco* uma realização possível do antigo sonho de reviver “um temps révolu, d’avant la décadence et la chute, hors de l’histoire: in illo tempore. Temps sans crimes, ni lois, ni châtements, ni guerres; les hommes vivaient heureux et sans soucis sur une terre que d’elle-même produisait tout” (Definição de Idade do ouro por TROUSSON, op. cit., p. 20). Somemos a isso o pedido de Minerva no momento em que abandona a máscara de Mentor: “Assim que reinar, coloque toda sua glória em renovar a idade do ouro”. Interpretamos a idealização fisiocrata de Salento, pois, como a consumação, a vivência possível da idade de ouro representada por Bética.

De fato, as reformas promovidas pela *Sagesse* no último estágio de aprendizado de Telêmaco refratam a realidade francesa do final do século XVII. Para compreender essa relação são importantes os textos de Van Wijngaarden (1982) e Miriam Yardeni (1980). O primeiro estuda *Les odissées philosophiques en France entre 1616 et 1789*. Ao avaliar a “odisseia” de Telêmaco em busca de seu pai, o autor, num primeiro momento, faz uma reconstituição da crise vivida pela França de Fénelon⁷; em seguida, apresenta as discussões políticas e filosóficas correntes na época (libertinismo, jansenismo etc.) afirmando que, para entender esse tecido feito de literatura e de história, é preciso recorrer aos utopistas do *Seicento*, pois eles teriam encontrado a síntese entre vida material e liberdade espiritual sob um reinado tirânico e corrompido. Assim, Wijngaarden aponta no *Telêmaco* aquilo que considera ser “l’esprit utopique” de Fénelon: “une tentative pour corriger le caractère et les moeurs du monarque” (WIJNGAARDEN, 1982, p. 84).

Yardeni, por sua vez, escreve seu *Utopie et révolte sous Louis XIV* justamente para mostrar o alto grau de insatisfação dos pensadores do século XVII francês com a política de seu tempo. Com este trabalho, pudemos compreender em que medida o livro de Fénelon constitui uma lente corretiva do Estado do Rei Sol. Em suas reflexões sobre Telêmaco, a autora destaca que a concepção feneloniana de utopia é antes de tudo uma questão de bom governo e de bons costumes (YARDENI, 1980, p. 27). A partir desse argumento, Yardeni analisa as propostas de reforma de Salento como um programa para o próprio Duque de Borgonha. Um exemplo: para resolver o problema da desigualdade social, patente na França daquele tempo, Fénelon/Mentor promove a igualdade de condições materiais em Salento por meio de dois planos: “l’un comporte la révalorisation de l’agriculture et du travail manuel, tandis que l’autre touche à une rédéfinition des élites sociales” (YARDENI, 1980, p. 72).

Outro aspecto da obra feneloniana que recebeu bastante atenção por parte de crítica foi o religioso. Não apenas pelo fato do autor francês ter seguido uma carreira eclesiástica e desenvolvido trabalhos teológicos, mas também pela presença dos ideais da Contra-Reforma no século XVII. A grande questão para os leitores de utopia está no modo como Fénelon concilia seu cristianismo ao pensamento utópico. Para responder a essa pergunta, a leitura de dois textos faz-se fundamental: o prefácio de Gianni Marroco à edição italiana d’*As aventuras* (que faz parte da coleção “Utopisti” organizada pelo grande pensador do gênero Luigi Firpo), e *Illuminismo e Utopia* de Sergio Bartolommei. O texto introdutório de Marroco (1982) defende, em primeiro lugar, que Fénelon conhecia a tradição utópica do *seicento*, em especial a *Città del Sole* de Campanella. Com isso, o prefaciador italiano fundamenta sua ideia de que Salento seja uma utopia da Contra-Reforma (MARROCO, 1982, p. 31). Do mesmo modo, Bartolommei percebe uma sensibilidade contra-reformista no pensamento utópico presente em *Telêmaco* (1978, p. 37).

⁷ De acordo com o autor, nesta época “[...] le roi de France était à l’apogée de la gloire et de la puissance. On lui avait décerné le titre de Grand et il était tout l’Etat: noblesse, elergé, magistrature, tout ployait devant sa grandeur. Le tiers avait perdu ses dernières libertés municipales, et l’établissement des intendants dans les provinces réduisait le pouvoir des Etats au droit d’accorder dans leurs assemblées annuelles, biennales ou triennales, des ‘dons gratuits’ obligatoires. La formation d’un pouvoir central despotique, l’obéissance passive imposée à tous les corps d’état, à tous les individus, le culte de la royauté et de la personne royale érigé en dogme, parachevaient l’absorption de la nation entière, l’incarnation de tout un peuple dans un seul homme, qui était arrivé à un degré d’infatuation dont on ne trouvera plus d’autre exemple dans l’histoire” (op. cit., p. 79).

O século XVII francês não produziu muitas utopias. Segundo Ribeiro (2005), o gênero, neste período, desenvolveu-se com relevantes variações em relação ao texto inaugural que lhe deu nome. Na primeira metade do século de Luís XIV destacam-se *L'isle des Hermaphrodites* (1605), *Histoire du grand et admirable royaume d'Antangil* (1616) e *Le nouveau Cynée* (1623). Essas utopias aproveitam poucos elementos da obra de More. Seu maior objetivo é a denúncia política – não há proposta de transformação global e radical da realidade criticada. A partir de 1657, ano em que Cyrano de Bergerac publica seu *Histoire comique des États et Empires de la lune*, as utopias começam a aparecer em maior quantidade: *Relation de L'isle imaginaire* (1659), *La terre australe connue* (1676), *Histoire des Sevarambes* (1679), *La république des philosophes* (1682), *Les aventures de Télémaque* (1699), são os principais textos da época.

Como podemos perceber, o gênero do livro de Fénelon continua sendo um problema para a crítica. Superficialmente, podemos dizer que o espelho de príncipes é uma espécie de manual, com conselhos e normas de como fazer um governo, como agir diante dos súditos, próprio do Renascimento. Nada mais próximo do texto feneloniano, poderíamos pensar, porém como ignorar elementos que apontam para outros gêneros? Trata-se de um “manual” notadamente literário, com personagens, paisagens, ação – podemos, pois, chamá-lo de espelho de príncipes? Durante todo o século XVIII louvaram-se seu estilo poético, as descrições idílicas, as figuras retóricas tão próprias da epopéia – críticos dedicaram-se a escancionar frases inteiras para comprovar sua estrutura lírica. Talvez este tipo de análise já não seja mais pertinente, embora ainda possamos nos perguntar: essas aventuras podem ser vistas separadamente como contos filosóficos, dada a independência dos livros, centrados em viagens e ensinamentos específicos? Ou devemos lê-las necessariamente como um romance, tendo em vista o processo de transformação do personagem principal?

De qualquer forma, é possível afirmar que o texto de Fénelon está estruturado em função do gênero utópico. Como pudemos perceber com a paráfrase literária que inicia nosso artigo, o enredo de *As aventuras de Telêmaco* divide-se em duas partes: a primeira narra as viagens do filho de Ulisses por diversas ilhas, reinos e cidades – lugares sempre descritos segundo suas orientações políticas e sociais. A segunda passa-se toda em Salento e demonstra como administrar um reino com justiça e fazer seu povo feliz. As primeiras viagens de Telêmaco parecem-nos, desse modo, terem sido escritas a fim de preparar o leitor para a reforma de Salento, assim como o Livro I de More nos prepara para o Livro II. Todos os governos conhecidos pelo príncipe de Ítaca fornecem um modelo ou um antimodelo de sistema sociopolítico⁸. Na Salento reformada por Mentor, os defeitos dos maus exemplos são sanados e as qualidades dos modelos são adotadas. Vale lembrar que no fim dessas *Aventuras*, Minerva pede a Telêmaco que seu reinado em Ítaca faça voltar à idade de ouro, cujo exemplo o futuro rei conheceu na descrição de Bética.

⁸ O Egito do grande Sesóstris mostra, exemplarmente, como conciliar cidades opulentas e campos cheios de rebanhos e lavradores; a ilha de Tiro é exemplo de comércio liberal e, ao mesmo tempo, oferece um anti-exemplo de rei com Pigmalião; Chipre fornece o quadro da desordem completa: seus habitantes são inimigos do trabalho, cultivam uma vida de luxúria e vaidade, deixando os campos incultos; Creta, por sua vez, ensina a importância de um conjunto de leis sábias e justas para um bom governo.

Releitura de Salento: desdobramentos da crítica do gênero utópico

Apesar da magnificência das edificações, o reino estrutura-se sobre uma base frágil: um governante vaidoso, suscetível, resistente à verdade, cego pela adulação. Mentor envia Telêmaco para o aprendizado da guerra fora de Salento e permanece na cidade com o propósito de reformá-la. O discípulo agora é um rei que nunca soube aprender com os próprios erros. A reforma de Mentor começa pela moral de Idômene:

– C'est avec douleur que je me vois contraint de vous dire des choses dures mais puis-je vous trahit en vous cachant la vérité? Mettez-vous en ma place. Si vous avez été trompé jusqu'ici, c'est que vous avez bien voulu l'être; c'est que vous avez craint des conseillers trop sincères. Avez-vous les gens les plus désintéressés et les plus propres à vous contredire? Avez-vous pris soin de faire parler les hommes les moins empressés à vous plaire, le plus désintéressés dans leur conduite, le plus capables de condamner vos passions et vos sentiments injustes? Quand vous avez trouvé des flatteurs, les avez-vous écartés? Vous en être-vous défié? Non, non, vous n'avez point fait ce que font ceux qui aiment la vérité et qui méritent de la connaître. Voyons si vous aurez maintenant le courage de vous laisser humilier par la vérité qui vous condamne (FÉNELON, 1994, p. 323-324).

O rei aceita ouvir a verdade e seu nobre conselheiro passa em revista todo o reino. As obras tão elogiadas pelos reis vizinhos e admiradas pelos moradores da região mereceram de Mentor apenas reprovação. Ele sabia que a riqueza utilizada naqueles prédios não havia sido repostada. Os poucos habitantes de Salento gastavam todas suas forças na construção, enquanto o campo permanecia inculto, provocando a fome e a pobreza. Nem mesmo o comércio Idômene soube incentivar, pois na ambição de arrecadar riquezas, impôs taxas excessivas e afastou os mercadores. O povo estava infeliz porque a bela cidade se erguia à custa de sofrimento.

Começam, então, as transformações. A primeira atenção de Mentor dirige-se ao comércio. Por meio de leis que punem falências, proíbem colocar em risco bens alheios, impossibilitam a entrada de bens de luxo na cidade, liberam o estrangeiro de taxas e instituem magistrados a quem os comerciantes devem prestar contas de suas atividades. Salento passa a atrair um grande número de pessoas, de todos os lugares do mundo e a riqueza adentra seu porto. O próximo passo é uma reforma da vida social e dos costumes. As relações entre as pessoas serão estabelecidas conforme o nascimento. Haverá sete categorias sociais organizadas hierarquicamente e diferenciadas pelas cores de suas roupas, de cima para baixo: branco para os mais nobres, cinza-escuro para os escravos. A modéstia é palavra de ordem. O ouro e a prata são banidos, bem como todo tipo de ornamento. Somente as artes úteis serão praticadas. A alimentação será frugal, sem condimentos. Os grandes arranjos arquitetônicos serão utilizados apenas nos templos. O vinho será um licor raro, destinado às festas. Eliminando o fausto, Mentor espera alcançar a nobre e sóbria simplicidade. As crianças serão educadas no temor aos deuses, no amor à pátria e no respeito a essas leis. O rei deve ser o primeiro a dar exemplo, mudando seu modo de se vestir, de se alimentar, de morar etc. O povo rapidamente reconhecerá que a felicidade está na moderação.

No que diz respeito à política, Mentor não explicita uma forma de governo específica. Vemos, contudo, delinear-se um sistema de governo bem coerente com os princípios que fundamentam a concepção de educação feneloniana: um rei apoiado por uma aristocracia. A base financeira desse sistema é o cultivo da terra, uma fisiocracia, portanto, muito bem regulamentada por leis severas. Dado o pequeno número de agricultores em Salento, Mentor propõe uma política de povoamento por meio de concessões de terras e do estímulo ao casamento. Cada família receberá apenas a quantidade de terra necessária para sua sobrevivência.

Si vous ne les chargez point d'impôts, ils vivront sans peine avec leurs femmes et leurs enfants; car la terre n'est jamais ingrate: elle nourrit toujours de ses fruits ceux qui la cultivent soigneusement; elle ne refuse ses biens qu'à ceux qui craignent de lui donner leurs peines (FÉNELON, 1994, p.344).

Por outro lado, Mentor mostra ser necessária a aplicação de penas severas àqueles que descuidarem do campo. Um tom moralizante também perpassa as ideias políticas de Fénelon: o povo deve ver o trabalho como algo honroso. E, do mesmo modo, o rei deve ter como princípios de governo o amor por seu povo e o temor aos deuses⁹.

As ideias morais, teológicas e de governo fenelonianas embaralham-se a fim de formar um “rei-cristão” para uma “república cristã”. Na carta que escreve ao Duque de Borgonha após a morte do Delfin – fato que coloca seu discípulo no primeiro lugar da linha de sucessão – Fénelon diz que a cristandade forma uma espécie de república geral (FÉNELON, 1983). Em *Telêmaco*, afirma que o mundo inteiro é um grupo social universal (FÉNELON, 1994, p. 537). Uma das últimas palavras da deusa Atena nessa ficção pedagógica pedem que o príncipe “N’oubliez jamais que les rois ne règnent point pour leur propre gloire, mais pour le bien des peuples” (FÉNELON, 1994, p. 571). Dirigindo-se ao Duque de Borgonha, o autor afirma que a lei imutável e universal dos soberanos é o amor do povo (FÉNELON, 1983). Comparando os dois textos, *As aventuras de Telêmaco* e *Examen de conscience sur les devoirs de la royauté*, percebemos um jogo semântico e imagético de identificações por meio do qual podemos apontar certas relações: a felicidade do rei deve ser a felicidade do povo, que está, como vimos em Salento e nas melhores cidades visitadas pelo filho de Ulisses, na agricultura. O trabalho no campo sustenta a ordem social aristocrática, composta por homens melhores por seu nascimento, cuja função é aconselhar e fiscalizar a ação real, pois sua antiguidade lhe confere sabedoria e a protege da inveja (FÉNELON, 1994, p. 338).

Ao apresentar suas reformas a Telêmaco, recém-chegado da guerra, Mentor afirma que muito ainda precisa ser feito para que Salento torne-se efetivamente uma cidade feliz. Dissertando sobre a arte de governar, compara o sistema implementado às artes da música, da arquitetura e da pintura em que tudo depende de justas proporções para alcançar a harmonia. “Concluez donc que l’occupation d’un roi doit être de penser, de former de grands projets et de choisir les hommes propres [dentre os melhores] à les exécuter sous lui” (FÉNELON, 1994, p. 529).

⁹ O rei está sujeito à religião e não pode tentar dirigi-la.

Releitura de um problema tricentenário: o(s) gênero(s) de *As aventuras de Telêmaco*

Quando Telêmaco abandona Salento para, finalmente, reencontrar seu pai em Ítaca, a cidade reformada por Mentor não é ainda um “*eu-topus*”. A utopia fica prometida para um futuro próximo. A formação do jovem viajante, por outro lado, está completa. Telêmaco viveu tantas aventuras que se transformou – de um jovem delicado e inexperiente tornou-se um homem forte e sábio. Essa transformação não ocorreu de forma linear, seguindo uma lógica evolutiva. Ao contrário, a telemaquia de Fénelon é permeada de peripécias e reviravoltas provocadas pela subjetividade do personagem principal. Provavelmente aí está o cerne do principal problema enfrentado pela fortuna crítica de *As aventuras de Telêmaco*: a que gênero pertence? Não se trata de um espelho de príncipe comum, dada à valorização das contradições internas do herói. A utopia, como vimos, permeia toda a narrativa, pontuando o aprendizado do jovem filho de Ulisses, mas não chega a se realizar nos moldes previstos pela teoria. Poderíamos falar de romance no final do século XVII, antes de Richardson, Fielding e Defoe?

O romance constitui, segundo Ian Watt (1990), um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias. Comparando a narrativa antiga (épica, canção de gesta, contos de fada, entre outros) com a moderna (romance), o historiador afirma que o narrador moderno extrai seu enredo da rememoração biográfica. O romance é um retrato da vida através do tempo, tem suas raízes no indivíduo, interessa-se pelo desenvolvimento de sua personalidade no curso do tempo, por isso trata de circunstâncias específicas, que ocorrem em espaços determinados. A fidelidade do romance à vida cotidiana exige uma escala temporal minuciosa. Em contrapartida, a narrativa antiga é um relato da vida através dos valores morais, não há necessidade de escalas temporais. O tempo mítico deste tipo de narrativa permite que a verdade da existência (sempre um valor moral) possa se revelar inteiramente no decorrer de um dia ou no acontecimento de um só fato (WATT, 1990, p. 11-20).

O quadro acima resume de forma simplificada as transformações sofridas pela narrativa, mas é suficiente para percebermos que *As aventuras de Telêmaco* não se enquadram perfeitamente na narrativa antiga, nem no romance. A despeito da função moralizante-educacional do texto, o personagem Telêmaco ganha autonomia ao ser, nos primeiros livros, narrador de si mesmo. Com isso, temos acesso a uma subjetividade inteiramente nova para um texto que se pretendia pedagógico. O caráter exemplar da epopeia homérica que inspira as aventuras é minado pelas armadilhas criadas pelos sentimentos do próprio herói: ele se apaixona pela ninfa de Calypso, deixa-se corromper pelos prazeres da ilha de Chipre, sente medo, orgulho, vergonha, ou seja, possui a psicologia de personagens da narrativa moderna. A complexidade do caráter de Telêmaco reflete o modo como Fénelon concebia o homem real. Para o Bispo de Cambrai, o homem não se conhece; é dúbio, está dividido entre a luz e a escuridão; agita-se diante dos contratempos da vida por não perceber dela mais do que uma sombra (RAYMOND, 1967, p. 85).

Por outro lado, Fénelon possui um ideal de homem. O objetivo de seu texto prende-o ainda às narrativas antigas de caráter moralizante – formar um rei-cristão. Assim, *As aventuras de Telêmaco* permanecem inscritas em um “tempo sem tempo”, em que vemos as

transformações sucederem-se umas às outras, mas não sabemos contabilizá-las ou situá-las numa linha cronológica como no romance. O tempo, no texto de Fénelon, é demarcado pelas lições ministradas por meio dos modelos e antimodelos de governo e vida social que o herói conhece ao longo de sua viagem. Como havíamos percebido em nossa discussão sobre o gênero, *u-topus* é uma metáfora, uma imagem que transporta a ideia de tempo para a noção de espaço. Por isso, a inserção do gênero utópico nessa ficção pedagógica organiza sua estrutura narrativa em função dos espaços visitados. O resultado dessa transposição é um modelo de homem, sábio e forte, pronto para governar. Não agora, no presente da leitura. A felicidade está sempre no futuro: em Ítaca ou, como gostaria Fénelon, na França governada por um Luís XV que fosse o Duque de Borgonha. ■⁹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. et al. "Caminhos do romance no Brasil" in: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>).

_____. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

ADAM, A. "Fénelon" in: *Histoire de la littérature française au XVIIe siècle*. Paris: Albin Michel, s.d.

BARTOLOMMEI, S. "L'avvento dei Roi-philophe e l'utopia organistico-aristocratica", In: *Illuminismo e utopia – temi e progetti nella cultura francese (1676-1788)*. Milano: Il saggiatore, 1978.

BURY, E. "Situation du Télémaque: du projet pédagogique à la fortune littéraire", In: Cuhe, F.X. & Le Brun, J. (org.) *Fénelon – Mystique et Politique (1699-1999)*. Actes du colloque international de Strasbourg pour le troisième centenaire de la publication du Télémaque et de la condamnation des Maximes des Saints. Paris: Honoré Champion, 2004.

CARCASSONE, E. *État présent des travaux sur Fénelon*. Paris: Boivin, 1939.

CHEREL, A. *Fénelon au XVIIIe siècle en France. Son prestige, son influence*. Paris, 1917.

_____. *De Télémaque à Candide*. Paris, 1933.

DOTOLI, G. "Relire Télémaque", In: *Littérature et société en France au XVIIe siècle*. Paris: Nizet, 1987.

FÉNELON. *Les aventures de Télémaque*. (org. J.-L. Goré) Paris: Garnier-Flamarion, 1968.

_____. *Le avventure di Telemaco*. (org. G. Marocco) Napoli: Guida, 1982.

_____. *Les aventures de Télémaque*. (org. J.-L. Goré) Paris: Garnier, 1994.

_____. *Les aventures de Télémaque*. (org. a. Cahen) Paris: Hachette, 1920.

GESSE, F. “Fénelon au XIXe siècle: de Joubert à Bruno”, In: Cuhe, F.X.; Le Brun, J. *Fénelon: Mystique et Politique (1699-1999)*. Actes du colloque international de Strasbourg pour le troisième centenaire de la publication du Télémaque et de la condamnation des Maximes des Saints. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2004.

KAPP, V.V. *Télémaque de Fénelon: La signification d’une œuvre littéraire à la fin du siècle classique*. Tubingen: G. Narr, 1982.

RACAULT, J-M. “Utopie et modèles politiques dans le Télémaque”, In: *Nulle part et ses environs: voyage au confin de l’utopie littéraire classique*. Paris: Université de Paris-Sorbonne, 2003.

RAYMOND, M. *Fénelon*. Bruges : Desclée de Brouwer, 1967.

TROUSSON, R. *Voyages aux pays de nulle part: histoire littéraire de la pensée utopique*. Bruxelles: Université de Bruxelles, 1999.

VAN WIJNGAARDEN, N. *Les odissées philosophiques en France entre 1616 et 1789*. Genève: Slatkine, 1982.

WATT, I. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

YARDENI, M. *Utopie et révolte sous Louis XIV*. Paris: Nizet, 1980.

Artigo recebido em: 09/08/09

Artigo aprovado em: 03/09/09

Referência eletrônica: BRITO, Tarsilla C. “As Aventuras de Telêmaco: História Crítica e Releituras”, *Revista Criação & Crítica (online)*, n. 3, p.33-45, 2009.